

CORPO, DISCURSO E EDUCAÇÃO PERFORMATIVA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR

Michelle Bocchi Gonçalves¹
Sheurily Santos Costa²

Resumo

O estudo proposto nesta pesquisa discute a seguinte questão: *Quais as potencialidades da relação entre corpo, discurso e educação e, suas contribuições para a ampliação do conhecimento do tema em diferentes áreas de formação?* O *corpus* da pesquisa é composto por relatos de partilhas e discussões orais, a partir das experiências dos participantes, alunas(os) dos cursos de Pedagogia, Ciências Biológicas, Comunicação Institucional, Pós-graduação em Educação. Ao total foram 14 oficinas/aulas ministradas ao longo do período de 2020, 2021, 2022 e 2023 em diferentes cursos e eventos, na modalidade *on-line* (durante a pandemia do Covid-19) e presencial (antes e após a pandemia). A estrutura teórica das oficinas/aulas foi sustentada pela teoria da Análise de Discurso francesa, pelos estudos sobre performance na educação e amparados por disparadores audiovisuais e práticas teatrais. Por fim, este estudo aponta relações discursivas entre os sujeitos participantes frente ao conteúdo teórico e prático disponibilizados, que possibilitam um trabalho pedagógico com maior foco aos estudos do corpo no contexto educacional, seja ele formal, informal ou não-formal.

Palavras-chave: Corpo, Discurso, Performance, Educação.

BODY, DISCOURSE AND PERFORMATIVE EDUCATION: A INTERDISCIPLINARY STUDY

Abstract

The study proposed in this research discusses the following question: What are the potentialities of the relationship between body, discourse and education and their contributions to the expansion of knowledge of the theme in different areas of training? The corpus of the research is composed of reports of sharing and oral discussions, from the experiences of the participants, students of the courses of Pedagogy, Biological Sciences, Institutional Communication, Graduate Studies in Education. A total of 14 workshops/classes were taught over the period of 2020, 2021, 2022 and 2023 in different courses and events, online (during the Covid-19 pandemic) and face-to-face (before and after the pandemic). The theoretical structure of the workshops/classes was supported by the theory of French Discourse Analysis, by studies on performance in education and supported by audiovisual triggers and theatrical practices. Finally, this study points out discursive relations between the participating subjects in the face of the theoretical and practical content available, which enable a pedagogical work with greater focus on the studies of the body in the educational context, whether formal, informal or non-formal.

¹ Pós-doutora em Educação Universidade do Vale do Itajaí e Doutora em Educação Universidade Federal do Paraná. Atua na área de Ensino de Ciências e é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR - Linha de Pesquisa LICORES: Linguagem, Corpo e Estética na Educação). ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-2401-8470>>. E-mail: michellebocchi@gmail.com.

² Doutoranda Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE/UFPR na linha de pesquisa LICORES - Linguagem, Corpo e Estética na Educação. Produtora Cultural, Cênica e Audiovisual, professora de Teatro e Arte. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-1118-1869>>. E-mail: sheurily@gmail.com.

Keywords: Body, Discourse, Performance, Education.

1 INTRODUÇÃO

É comum pressupormos ou termos fixado em nosso imaginário quais espaços da escola são destinados ao corpo, sejam eles lugares físicos ou teóricos. Da mesma forma, ao discutir sobre corpo, estabelecemos de maneira quase automática quais os recortes por onde iremos conduzir nossos olhares. À exemplo, se olhamos pela biologia/ensino de ciências, podemos incitar uma hipótese de que se trata de um corpo em sua estrutura biológica, anatômica, fisiológica. Por outro lado, se falamos de corpo para os estudos de gênero, supomos um corpo linguagem, corpo performance. Assim também é para a educação física, onde partimos de uma ideia de corpo como desempenho, corpo habilidoso, esportivo. Já para as artes, encontramos diferentes linguagens que expressam o corpo, como na pintura, escultura, fotografia, ou mesmo o corpo de forma presente e efêmera, como na dança, no teatro, na arte performance, assim, é possível construir discursos sobre cada perspectiva a luz de sua origem teórica e prática.

A partir do entendimento dessas delimitações, nos interessa aqui, pensar o corpo de forma expandida na educação: um corpo intrínseco ao sujeito e portanto, discursivo. Corpos que dizem de si na relação de sentidos atribuídos ao espaço e ao outro.

Em que momento este corpo, dentro da escola, é percebido em seu assujeitamento mediante as suas condições de produção?³ Ou seja, uma pessoa, passível de desvelamentos e filiações ideológicas que compõem uma sólida estrutura estabelecida como ambiente escolar, e que encontra nessa estrutura formas de dizer aquilo que não pode ser dito. A partir dessa inquietação registramos alguns passos rumo a preencher lacunas que possam contribuir como uma mediação entre futuros professores, pesquisadores, comunicadores, e/ou artistas para uma relação discursiva entre seus corpos e os corpos dos outros a quem sua formação se destina, sejam alunos ou não.

Ao todo, o projeto foi aplicado em formato de aula e oficina no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, dentro da disciplina de Corpo, Gênero e Sexualidade; No curso de Pedagogia, na disciplina de Metodologia no ensino de ciências; No curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, na disciplina Linguagem e Corpo, todos cursos de graduação da

³ O conceito de Condições de Produção na Análise de Discurso, diz respeito à uma relação entre o contexto imediato e o interdiscurso do objeto analisado. O contexto imediato remete às condições históricas-sociais e ideológicas em que esse discurso se formulou, já o interdiscurso possui relação direta com a memória-discursiva, ou seja, esquecimentos já antes significados, mas que carregam sentidos opacos (ORLANDI, 2020).

Universidade Federal do Paraná - UFPR; houve também, participação no Programa de Pós Graduação em Educação - UFPR, dentro da disciplina de Pesquisa I; e como intervenção final na disciplina Discurso e Performance na Educação da linha Linguagem, Corpo e Estética na Educação e por último, como oficina na XXXIV Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPE 2023 – UFPR, totalizando 14 oficinas-aulas.

2 ETAPAS TEÓRICAS E ARTÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO CORPO-DISCURSIVO

Durante a construção teórica de pesquisa trilhada dentro do grupo de pesquisas Labelit, iniciada no ano de 2019, desenvolvemos e aprofundamos alguns conceitos que costumam a Análise de Discurso francesa - AD e os estudos da performance atrelada à educação, pensada pelo grupo como Educação Performativa⁴. Com foco sempre voltado ao corpo e suas linguagens, aprofundamos as determinações do conceito de posições-sujeito, estabelecidas pela AD (PÊCHEUX, 2014a; ORLANDI, 2020) e dos papéis sociais elucidados pela consciência de uma Educação Performativa (GONÇALVES, 2019; GABARDO JÚNIOR, 2020; GONÇALVES E GABARDO JÚNIOR, 2020).

Para destrinchar o que a AD propõe como posição-sujeito, o caminho inicial das oficinas/aulas partiu da própria noção de sujeito a qual o discurso refere-se, onde, antes de tudo, constituímos-nos em uma convergência entre linguagem, inconsciente e ideologia, de modo a fundir conceitos da psicanálise lacaniana e conceitos do materialismo histórico-dialético marxista. Ambos resultam em transformar o olhar para o discurso como um acontecimento da língua, onde passa a ser atribuído um sentido e não uma mera estrutura de emissão e recepção (PÊCHEUX, 2015). Com isso, a teoria determina o assujeitamento através de sentidos construídos continuamente pelo sujeito na trajetória de sua própria história.

Uma vez que o assujeitamento resulta desses sentidos, não podemos separar então o contexto, a trajetória e as relações de corpo construídas por cada pessoa socialmente e historicamente. Assim, nada do que é produzido enquanto discurso possui uma equivalência de sentido atribuído, mesmo em espaços e grupos que apresentem um mesmo propósito

⁴ Preferimos o termo Educação Performativa a Pedagogia Crítico-performativa, como utilizado por Pineau (2013), por entender a educação por uma perspectiva expandida, que ultrapassa os contextos escolares e/ou educacionais. O leitor poderá encontrar, ainda, na literatura vigente sobre o tema, o termo Pedagogia Performativa. Ressaltamos, portanto, que as pesquisas desenvolvidas no nosso grupo de pesquisa, embora não neguem outras categorizações e/ou nomenclaturas, têm utilizado a Educação Performativa, inspirada nos estudos de Pineau (2013) como procedimento teórico e/ou metodológico na construção de dissertações e teses.

formativo. Há nesses lugares a formulação de um discurso coletivo, que se torna mecânico ao corpo, entretanto, ele é também pautado em condições próprias do sujeito, sempre na relação com o outro. Para Orlandi:

[...] o sujeito relaciona-se com o seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há a incompletude, a falha, o possível. E os sentidos, como tenho repetido, sempre podem ser outros (ORLANDI, 2017, p.93).

Por meio deste raciocínio, demos início a uma ampliação de possibilidade para olhar os corpos diversos e plurais presentes na educação, de modo que se torne urgente refletir para além de um contexto geral da escola ou da turma com suas especificidades. Tal abordagem implica abrir-se a um campo de experiência no qual a singularidade de cada sujeito seja elevada ao status de personagem principal do processo educativo.

2.1 ETAPA 1: DISPARADORES AUDIOVISUAIS

Nossa proposta logo no início da oficina/aula, era instigar os participantes a pensar naquilo que é o pressuposto coletivo de lugares determinados e determinantes para cada função dentro da escola, principalmente nas relações que esses corpos estabelecem com o exterior: seu trajeto e trajetória na cidade e na própria casa, mediante a todas as interferências. Após a explanação teórica, trouxemos os primeiros disparadores audiovisuais que buscavam conectar o conceito das posições-sujeito com a prática da vida cotidiana.

A primeira obra escolhida foi vídeo publicitário *Welcome Home - Homepod*⁵ dirigido por Spike Jonzi e estrelado pela cantora FKA Twigs produzido no ano de 2019. O vídeo, apesar de ter como objetivo central a propaganda e comercialização de um produto que funciona como *player* musical da *apple*, possui uma profunda construção e montagem narrativa que explicita contextos corporais discursivos do sujeito com a rua e com a casa. Em síntese, a narrativa mostra o trajeto de fim de dia para uma mulher que está, supostamente, voltando de seu trabalho para casa dentro de um metrô lotado. Ao chegar em casa, através do estímulo musical, por meio de movimentos do seu corpo, esta mulher altera sua relação com o espaço interno de modo a expandi-lo. O que chama atenção é que esse movimento transforma também suas emoções e fica perceptível que há uma diferença simbólica de liberdade corporal no espaço coletivo/externo e no espaço interno da casa.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=70P7-pkyP4Q>. Acesso em setembro de 2023.

O que se desvela discursivamente é a perda de um sentido do corpo na cidade, há a transição de um corpo formatado nas atividades cotidianas da cidade para um corpo que encontra outras possibilidades de performar a si mesmo ao momento em que está sozinho. Em relação à teoria, vemos este sujeito cidadão interpelado pelo Estado, que na sociedade capitalista, tende por individualiza-lo, deste modo, se inscreve em discursos onde não há mais relação com a forma como se nasce, há apenas deveres e protocolos em relação ao regime vivenciado (ORLANDI, 2017).

Sequencialmente, a segunda obra escolhida foi o vídeo *Ciranda*⁶ do grupo de funk carioca Heavy Baile, o vídeo dirigido por Alex Tiernan e estrelado pelo dançarino Jonathan Neguebites foi igualmente produzido no ano de 2019 e deu grande repercussão ao grupo e ao trabalho dos DJs Leo Justi e Goes, responsáveis pela criação musical do grupo. Em semelhança a primeira obra audiovisual, a narrativa do clipe apresenta novamente um sujeito em seu final de expediente no trabalho que inicia um trajeto discursivo corporal a partir do estímulo da linguagem artística musical. Já o contraponto desvelado logo ao início, é de que, o corpo do jovem, por meio do estímulo musical, sai de seu ambiente de trabalho e transita pela cidade de forma orgânica e harmônica, uma harmonia que não é apenas do corpo com a música, mas principalmente do corpo com a cidade.

É possível perceber ao decorrer do clipe, o quanto o corpo do sujeito está sincronizado ao corpo da cidade, pois há uma leitura espacial do trajeto que é impressa no dançarino por se tratar de um contexto social intrínseco a ele. Neste momento, a transição discursiva é de um corpo que do ambiente de trabalho para o espaço da cidade, se vê pertencente ao ponto que as formatações que poderiam ser determinadas ao seu corpo sobre como ocupar o espaço externo, deixam de fazer sentido, assim, ele explora a cidade numa relação de liberdade. De tal modo, o destino de um se articula ao destino do outro em perfeita sinergia, “nas suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica, etc” (ORLANDI, 2017).

O intuito dos dois primeiros vídeos como disparadores audiovisuais, se deu na intenção de uma provocação aos participantes para que antes de discutirmos efetivamente o espaço da escola, pensássemos nessa relação corpo e cidade, para a teoria do discurso, não há como pensar o discurso sem considerar que o corpo do sujeito é atado ao corpo da cidade, e que isso lhes dá a legibilidade de seu assujeitamento (ORLANDI, 2017). A partir disso, construímos um diálogo coletivo sobre percepções e sensações causadas através da obra. Para cada contexto explorado, havia contribuições diferentes. A estrutura da cidade, recorte geográfico, ludicidade

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AOW6zZ2YxLk>. Acesso em setembro de 2023.

ao “brincar” com os trajetos por meio do corpo, o estímulo da linguagem musical, o contexto social e até mesmo as condições físicas e de gênero dos dois corpos foram algumas das questões apontadas por estudantes de pedagogia, ciências biológicas, artes, comunicação e da pós-graduação em Educação. De modo geral, foi possível observar a compreensão dos alunos participantes de que, independente da formação a qual estão inseridos, a abordagem corporal necessita perceber os sujeitos sempre em sua relação com seus contextos históricos e sociais.

2.2 ETAPA 2: DISPARADORES IMAGÉTICOS⁷

No segundo momento da oficina/aula, a ideia foi apresentar o conceito de Educação Performativa⁸ e exemplificar sua aplicação no contexto escolar. Por meio das noções de papéis sociais que este campo teórico aborda, foi possível construir com os participantes, reflexões sobre a presença da linguagem e da performance como ponto de partida para as experiências escolares, uma vez que a teoria traz a consciência de que os papéis presentes na educação são ações performáticas que requerem a presença e uma autoconsciência de sua localização como sujeito. Afirma-se que:

O performer estudante nunca será apenas estudantil, um performer professor(a) não será unicamente docente, mas que são atribuídos a esses sujeitos inúmeros sentidos de outras posições-sujeito que um ser/atuar/representar estudantil/docente possa performer na Educação (GONÇALVES E GABARDO JUNIOR, 2020, p.103).

Os autores ressaltam ainda que, uma Educação Performativa⁹ se interessa por questões que não estão explicitamente visíveis no espaço da escola, mas que não deixam de estar presentes nas diferentes manifestações de seus sujeitos, pois a teoria “embora considere a importância e a premissa do engajamento do corpo como uma presença dentro da sala de aula, abriga com ela aquilo que invisivelmente transpassa pelos muros da escola” (GONÇALVES E GABARDO JUNIOR, 2020, p.103). Assim, estabelecemos pontes entre a abrangência desta prática educacional e a perspectiva de sujeito proposta por uma análise discursiva.

⁷ Escolhemos não trazer as imagens para o corpo do artigo por se constituírem material de arquivo pessoal de uma das autoras do texto, que entende não ser este o momento de publicá-las.

⁸ Importa ressaltar que o termo Educação Performativa não corresponde ao recorte do que se compreende, hoje, como o conjunto de processos e procedimentos que integram a Performance Arte, embora possa haver, em alguns casos, atravessamentos teóricos e metodológicos no uso das duas vertentes.

⁹ Não é objetivo desse texto discutir de forma aprofundada o conceito de Educação Performativa. Sugerimos, no entanto, a título de exemplificação sobre as potências e usos dessa construção teórica, a leitura dos capítulos *A educação Performativa: desvelando o cotidiano escolar em tempo ampliado* (Sousa & Gonçalves, 2022) e *O Corpo Negro: diálogos entre Educação e Performance* (Domingos & Gonçalves, 2023).

Neste ponto, os disparadores visuais apresentados eram imagens de diferentes contextos escolares produzidas pela proponente. Nelas havia a representação da figura do professor e dos alunos de modo a romper com a estrutura física e simbólica da sala de aula. Tratava-se de professores que se propunham a inverter a demarcação espacial da sala com os alunos e inverter também a relação do próprio corpo com a mobília - carteiras, cadeiras, fileiras - que eram deixadas de lado para que os corpos explorassem o chão, explorassem a parte da frente da sala de aula, muitas vezes ocupada somente pelos professores, deste modo, o professor se inseria também no local de - expectador - de sua própria aula.

A provocação investida nas imagens era a de que, em um primeiro momento, os participantes achassem que se tratava de uma aula de um curso de teatro ou algo voltado especificamente ao corpo, mas após palpitem sobre qual o contexto que a imagem lhes remetia, era apresentada a história por trás dos registros e sua localização, tanto dentro da universidade, quanto em projetos desenvolvidos pela pesquisadora como intervenção em escolas de ensino regular. Como finalização da discussão a respeito da Educação Performativa, os participantes eram instigados a relatarem experiências escolares em que sentiam seus corpos silenciados, ou então, que sentiram essa mediação abrangente ao corpo e seus discursos.

Os relatos eram conseqüentemente variados de acordo com o curso a qual cada participante pertencia. No curso de ciências biológicas, o foco das discussões se voltava para questões do corpo que implicam relações de gênero, de sexualidade, de autonomia ou mesmo censura destas discussões por estarem diretamente ligadas a um contexto estrutural que transpassa esse espaço escolar.

Com os alunos do curso de pedagogia, em sua maioria, as partilhas eram relacionadas ao corpo da criança e suas potências de expansão ou repressão, a considerar a forma em como o professor realiza a mediação desta etapa de intensa curiosidade do corpo infantil. Percebeu-se que havia uma forte inquietação nos relatos quanto à postura da figura do professor ao responder às questões de corpo das crianças de forma vazia, ou que não instigasse novas dúvidas.

Para os alunos do curso de comunicação, as imagens exemplificadas resultaram mais em um disparador criativo sobre diferentes possibilidades de ocupar os espaços, visto que, por se tratar de um curso que não está diretamente ligado aos espaços formais de educação, suas reações consistiram em levantar debates sobre como a comunicação dentro da escola poderia ser uma ferramenta tanto de inclusão dos diferentes tipos de alunos, quanto de desinformação destes.

Dos participantes vinculados à cursos artísticos, fossem visuais, teatro, dança ou outras áreas que partem de um pressuposto de maior liberdade na relação do ensino, haviam relatos que denunciavam essa carência ou ausência de atenção ao corpo por um olhar discursivo, mesmo em locais que já questionam as estruturas engessadas de ensino.

2.3 ETAPA 3: A TEORIA EXPERIMENTADA NO CORPO: PRÁTICAS TEATRAIS

Na terceira e última parte da oficina/aula, momento destinado à prática e experimentação, houve uma abordagem adaptada que sofreu modificações de acordo com cada período do ano e da turma trabalhada. Para as primeiras turmas, antes da pandemia, houve a proposta de experimentar alguns jogos teatrais que brincavam com as construções discursivas para diferentes tipos de profissões, localizações sociais e culturais. A ideia era de que, de forma orgânica, os participantes representassem em seus corpos em movimento a primeira concepção que viesse a sua cabeça a respeito de um determinado tipo de posição-sujeito e/ou papel social da cidade e do contexto escolar.

De modo geral, mesmo sem haver qualquer tipo de combinado entre eles sobre o que fariam, as representações aconteciam de formas semelhantes, comprovando uma leitura coletiva pré-estabelecida sobre as permissões de cada corpo em determinado contexto. Os espaços escolhidos para essa prática foram tanto dentro da sala de aula - modificando sua configuração - ou então explorando outros espaços do prédio da universidade, como o pátio interno, externo, canteiros e estacionamentos.

Após essa atividade, foi solicitado que, em grupos ou individualmente, eles explorassem os espaços da cidade no entorno do prédio da escola. Lugares como praça, shopping, estações de ônibus e a própria rua foram ocupados pelos alunos para que eles observassem os sujeitos e escolhessem uma situação/pessoa/local que julgassem haver uma repressão ou invisibilização discursiva do corpo. Após um tempo para observação e escolhas, os alunos retornavam para a sala e/ou pátio para debatermos de que forma eles relacionaram as teorias discutidas com os sujeitos escolhidos. O intuito central era sensibilizar o olhar cotidiano para costurar os corpos dos sujeitos aos contextos visíveis ou invisíveis que os constituem.

Após a significativa mudança que a pandemia do Covid-19 causou com relação a presença, na impossibilidade de explorar a cidade, o outro, o externo de modo geral, a oficina teve seu tempo reduzido, para que o tempo de tela não se tornasse exaustivo uma vez que essa era a realidade da maior parte do tempo dos estudantes. Como consequência neste espaço

destinado à prática, foram acrescentadas outras obras audiovisuais que ilustrassem os sentidos discursivos de corpos tolhidos, invisibilizados e excluídos nos espaços escolares.

Os vídeo-clipes escolhidos foram *Pedagoginga*¹⁰ do rapper Thiago Elniño e *Muleque*¹¹ da cantora Siamese. Ambas as obras são retratadas em partes no espaço escolar - uma na educação básica e outra dentro de um prédio da universidade - e em partes com os sujeitos transitando pela cidade. O *Pedagoginga*, retratando as relações de corpo da criança preta, periférica e os discursos impostos sobre suas expectativas em relação à ocupação da escola, e o *Muleque* retratando a libertação de um corpo trans/*queer*/preto em uma cidade rígida e conservadora, ocupando o espaço simbólico da universidade pública. Os estímulos eram visuais, auditivos e literários, construídos na relação imagem/música/letra que a linguagem audiovisual proporciona.

Na vivência online, o fechamento da oficina ocorria por meio de debate e partilhas de sensações através dos clipes. A percepção por parte das pesquisadoras foi de que, dado o contexto exaustivo de exposição a tela e o contexto psicológico em que a população geral se encontrava, decorrente do pânico e do medo ocasionados pela pandemia, as participações foram menores em relação ao presencial. Os poucos alunos que abriam a câmera, comentavam um ou outro *insight* a partir das obras e das teorias, estabelecendo conexões com os espaços de educação. No entanto, não havia debate coletivo pelo afastamento das pessoas umas das outras, eram apenas contribuições individuais, mas que já demonstravam uma preocupação com os corpos a partir do momento em que fosse possível retornar ao presencial. Os principais questionamentos eram que tipos de relações esses corpos estavam experienciando em casa, e de que forma os docentes precisariam estar atentos e preparados para recebê-los em um momento de retorno.

No retorno ao presencial pudemos experimentar as propostas práticas, ainda com a máscara, mas novamente em uma relação coletiva que extrapolasse os espaços da sala de aula. Em uma das turmas, devido a condições de tempo e localização do *campus*, que não permitiam um contato significativo com outros sujeitos da cidade, foi solicitado uma breve pesquisa de notícias que trouxesse relatos de corpos invisibilizados na escola. Por se tratar de uma turma de comunicação institucional, a ideia era que pudessem questionar não apenas a notícia em si, mas também a forma como os veículos de comunicação apresentavam e exploravam o assunto.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEM-zYi7hcs>. Acesso em setembro de 2023.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IphbLh6tatg>. Acesso em setembro de 2023.

Desta forma, os alunos usaram redes sociais como *Tik-Tok*, *Instagram*, *Twitter*, dentre outros para refinarem suas pesquisas.

Nas últimas oficinas, também devido a condições de tempo, considerando que não era possível aos alunos acessarem o pátio aberto do prédio, optamos por uma prática de jogo teatral interna. Os alunos recebiam uma frase ao início da oficina/aula, que abordavam situações escolares relatadas por diferentes autoras. Eram elas:

Trabalhar com o corpo, próprio e do outro, é exatamente como escrever poesia, só que as palavras agora são os gestos e os desenhos que nascem e desaparecem em pleno ar no instante mesmo em que se formam (AZEVEDO, 2020, p.26).

Dar aulas me coloca continuamente em risco, pois não tenho e nunca terei resposta para tantas questões que nascem, permanecem ou desaparecem com o correr dos meses. E gosto disso. As certezas sempre me incomodam e a normatização excessiva sempre me enlouqueceu (AZEVEDO, 2020, p.27).

Os professores (qualquer que seja sua tendência política) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento (hooks¹², 2017, p.27).

A maioria dos meus professores não estavam nem um pouco interessados em nos esclarecer. Mais do que qualquer outra coisa, pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula (hooks, 2017, p.30).

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar (...) Nas minhas aulas não quero que os alunos corram nenhum risco que eu mesma não vá correr, não quero que partilhem nada que eu mesma não partilharia (hooks, 2017, p.35).

Pedagogia e criação artística se completam quando as aulas partem de princípios claros de pesquisa e seguem rumo ao desconhecido da improvisação e da criação artística, quando as regras inexistem o importante é caminhar (AZEVEDO, 2020, p.28).

Eles eram orientados a ler e guardar a frase até o momento da prática. Como eram turmas que variavam entre 30/40 alunos, as frases se repetiam, assim, quem recebia a mesma frase, automaticamente formava um grupo. A orientação era de que, com os seus corpos, fosse apenas com gestos, utilizando a fala, sons, da forma que se sentissem mais confortáveis, relacionassem a frase recebida com alguma situação escolar que envolvesse um silenciamento discursivo. O efetivo envolvimento dos participantes trouxe variadas formas de apresentação, novamente brincando e rompendo com a estrutura física da sala de aula, pois poderiam escolher qualquer um dos lugares para apresentar.

¹² A utilização desta referência em letra minúscula busca atender um desejo da autora, bell hooks. Escrito inteiramente em letra minúscula, esse é o pseudônimo escolhido por Glória Jean Watkins em homenagem à sua avó.

As situações representadas envolviam violências ao corpo desde a infância até a fase adulta e, em sua maioria, os alunos retrataram esse silenciamento partindo das ações ou reações dos professores às inquietações discentes. Os demais alunos, que agora eram espectadores, palpitavam qual frase eles acreditavam estar em representação pelo grupo. A maioria das situações escolhidas haviam, de fato, acontecido com algum integrante e após a apresentação eles discutiam ou davam maiores detalhes sobre o acontecimento, ocasionando um impacto coletivo aos futuros professores por se verem nessas situações.

3 APONTAMENTOS EM PROCESSO

Com a oficina/aula, pudemos perceber diferenças e semelhanças nas formas sobre como os estudos do discurso sobre o corpo na educação afetam em áreas de conhecimento que não possuem seu recorte específico no corpo ou na linguagem. O problema levantado pelas pesquisadoras, que buscou encontrar caminhos para abordar corpo e discurso em diferentes área do conhecimento, segue em curso de debate dentro do grupo de pesquisas Labelit, entretanto, os experimentos realizados nesta trajetória e recorte de pesquisa, apontaram inicialmente que: o corpo, de modo expandido, perpassa pelas mais diferentes áreas, seja em contextos educacionais formais ou fora deles, e que linguagens artísticas como o audiovisual, a música, a fotografia e práticas teatrais podem se transformar em ferramentas potentes para sensibilizar e incitar o debate entre os sujeitos destes espaços, seja com futuros pedagogos, professores de ciências e/ou biologia, biólogos, comunicadores, artistas e/ou pesquisadores da educação. Quanto a utilização e apropriação de linguagens artísticas nesta interdisciplinaridade, pensamos na seguinte perspectiva:

Não acredito que a arte, enquanto vivência, ou ainda, que o ser artista, seja uma predestinação, um dom, uma iluminação efêmera. De fato, a arte em suas diversas linguagens é e está para todas e todos, logo, qualquer pessoa que queira, pode, com efetividade, se performer artista. Entretanto, defendo também uma percepção de que é preciso estar aberto a ser humano. É preciso abrir-se a uma humanização. Todos nos enquadrados como seres humanos no sentido de classificação, na qualidade de humanos, mas estar aberto à humanização, a se despertar para um outro lado sensorial de existência no mundo, não requer apenas aprender a performer artista, mas de fato, vivenciar a arte de forma sensível, humilde e humana (COSTA, 2021, p.109).

Para Pêcheux (2014b) os gestos de leitura de uma pesquisa, necessitam de uma convergência entre o literário/poético e o científico, pois assim, evitamos equívocos que

apagam modalidades ideológicas e culturais, evitando também a ideia de uma padronização discursiva da língua - e da linguagem dos corpos.

A pesquisa apontou ainda, por meio das rodas de conversa, o interesse dos participantes por mais disciplinas que fossem voltadas ao corpo e a linguagem, mesmo em cursos que não estão especificamente estudando estes campos, pois relataram uma carência profissional em unir a realidade metodológica do dia a dia às questões histórico-sociais que envolvem os sujeitos escolares, isso em relação aos sentidos do que tomamos enquanto corpo-discursivo. Aqui se justifica a escolha de nossa filiação teórica central, pois a Análise de Discurso não é pensada enquanto método de aplicação, ela se torna um exercício de pensamento onde “a forma de conhecimento em questão é a própria linguagem, os sujeitos e os sentidos” (ORLANDI, 2014, p.14). Ainda, ela reforça que para qualquer gesto de leitura dos objetos/sujeitos “uma pesquisa multidisciplinar é indispensável para um acesso realmente fecundo” (PÊCHEUX, 2014b, p.57).

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, S. M. **As vinte e nove cartas**: Laban. uma gramática poética para atores. - 1. Ed. - São Paulo: Perspectiva, 2020.

COSTA, S. S. **Discurso em cena**: sentidos que deslizam nos corpos de alunas(os)-produtoras(es)-artistas. 123 p. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/73204>.

DOMINGOS, M; GONÇALVES, M. O Corpo Negro: diálogos entre Educação e Performance. In: GONÇALVES, J. (Org) **Corpo(s) 2: cultura, estética, discurso**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

GABARDO JÚNIOR, J. M. **Ensino da dança e a educação performativa : possibilidades de corpo na (re)criação do espaço escolar**. 167 p. Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/67882>.

GONÇALVES, M. B; GABARDO JÚNIOR, J. Educação Performativa: travessias. In: GONÇALVES, J. C; GARANHANI, M. C; GONÇALVES, M. B. **Linguagem, Corpo e Estética na Educação**. - 1. Ed. - São Paulo: Hucitec, 2020.

GONÇALVES, M. B. **Performance, discurso e educação**: (re)construindo sentidos de escola com professores em formação na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza. 135 f. Tese (Doutorado em Educação) Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47434>.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. - 2. Ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. Ed. - Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. Ed. - Campinas, SP: Pontes editora, 2017

ORLANDI, E. P. Introdução: uma amizade firme, uma relação de solidariedade e uma afinidade teórica. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 7. Ed. - Campinas, SP: Pontes editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. 5. Ed. - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014a.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 4. ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014b.

PINEAU, E. L Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA M. de A. (Org) **Performance e Educação: Desterritorializando territórios**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 37-58

SOUZA, C. ; GONÇALVES, M. Educação Performativa: desvelando o cotidiano escolar integral de tempo ampliado. In: GONÇALVES, J. (Org) **Corpo(s): linguagem, comunicação, educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Submetido: 07/10/2023

Aceito: 07/12/2023